
"Am I original? Am I the only one?": o rótulo de boy band e as disputas por autenticidade entre grupos musicais¹

Bárbara ELMÔR²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Muitos grupos musicais classificados como *boy bands* pela mídia rejeitam a associação com o título. Visando entender as motivações para tal postura, este artigo investiga as percepções de diferentes conjuntos sobre o rótulo a partir da análise de depoimentos de seus integrantes, contextualizando-os com base em uma pesquisa bibliográfica sobre autenticidade e performance na música. Os resultados evidenciam uma disputa por legitimidade a partir do afastamento de um formato tradicionalmente atrelado à artificialidade e aos interesses comerciais em detrimento da criatividade e da autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: *boy band*; música pop; performance; autenticidade.

Introdução

O termo "*boy band*" é usado pela mídia e pelo público desde a década de 1980 para descrever grupos musicais que muitas vezes compartilham poucas semelhanças para além de dois aspectos básicos: a juventude dos integrantes e o vínculo com o público feminino. A recorrência de outros atributos, como uso de instrumentos, figurinos coordenados e realização de coreografias, não é comum a todos os recipientes da nomenclatura (Gregory, 2019). Devido a essa inconstância, o rótulo poderia ser visto como apenas um recurso de diferenciação entre os grupos mais experientes e os mais novos, mas a frequente rejeição dos músicos a essa classificação evidencia o entendimento de que ela carrega implicitamente um teor pejorativo.

Diante desse cenário, este artigo tem o objetivo de analisar as percepções de diferentes grupos musicais sobre o termo "*boy band*". O argumento aqui desenvolvido resulta da ampliação da investigação que apresentei anteriormente, no 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, a respeito do conjunto australiano 5 Seconds of Summer e das disputas acerca da classificação de bandas (conjuntos cujos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFF, e-mail: barbaraelmor@id.uff.br. Esta proposta apresenta trechos de pesquisa financiada pela Faperj (Bolsa Mestrado Nota 10), instituição à qual agradeço o apoio.

integrantes são instrumentistas) como *boy bands*.³ No presente artigo, tanto bandas quanto grupos vocais são considerados para a discussão sobre a aplicação do rótulo.

A hipótese que norteia este artigo é de que os conjuntos que rejeitam o título de "*boy band*" desejam desvincular-se dele não apenas porque entendem que está associado a características com as quais não se identificam, mas também porque enxergam nele um teor depreciativo atrelado à ideia de artificialidade em detrimento da autenticidade, uma condição indesejável na disputa por valor e legitimidade na música.

Metodologia

O desenvolvimento deste artigo é baseado na análise de reportagens e entrevistas nas quais integrantes de grupos variados que já tenham sido rotulados como *boy bands* se pronunciaram explicitamente sobre essa classificação e suas implicações. Para seleção da amostra, foi realizado um levantamento de conjuntos formados por homens que iniciaram suas carreiras nos últimos 25 anos nos nichos pop e/ou pop rock. Em seguida, foram feitas buscas por matérias sobre os grupos que incluíssem o termo "*boy band*" e pelo menos um depoimento sobre o tema. As respostas coletadas foram organizadas de acordo com as características sinalizadas como associadas ao imaginário de *boy band*, depois comparadas e interpretadas com base em um levantamento bibliográfico. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, novos dados podem ser incorporados em análises futuras, visando uma compreensão mais aprofundada do tema.

Fundamentação teórica

Para compreender as possíveis definições e implicações do termo "*boy band*", assim como para interpretar as declarações coletadas nas reportagens selecionadas, este artigo usa como base obras literárias e científicas a respeito do formato, seus simbolismos e outras temáticas correlacionadas. Dentre as principais referências estão as investigações de Gregory (2019) sobre o vínculo entre *boy bands* e as performances de masculinidade, a discussão de Unterberger e Lynch (2018) sobre o que define uma *boy band* e as colocações de Wald (2002) sobre o vínculo dos grupos com a reprodução e a quebra de padrões de gênero. Sobre a busca por legitimidade no meio artístico, a

³ ELMÔR, B. Banda ou boy band? Disputas de valor a partir de gênero e tecnologia segundo o grupo 5 Seconds of Summer. In: 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2023, Belo Horizonte. Anais eletrônicos [...] Belo Horizonte: Intercom, 2023. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2023/trabalhos.html>. Acesso em: 28 mai. 2024.

análise de Sanders (2002) sobre as disputas entre autenticidade e artificialidade entre grupos vocais também é considerada.

Análise

Ao todo, foram selecionadas entrevistas com oito conjuntos, incluindo os grupos vocais Backstreet Boys e Boyz II Men e as bandas Busted, Fall Out Boy, Jonas Brothers, Maroon 5, The 1975 e The Vamps. Dentre as declarações coletadas, embora algumas tenham sido focadas na mera distinção de características, outras foram bastante claras quanto à percepção de valor inerente ao rótulo. Patrick Stump, do Fall Out Boy, se referiu ao título como uma "acusação" (Hyatt, 2007). Para Charlie Simpson, do Busted, "As pessoas nos chamarem de *boy band* é ofensivo. É degradante" (Wenn, 2003, tradução nossa)⁴. Ademais, a repetição de determinados atributos como símbolos das *boy bands* evidenciou os possíveis significados acarretados por essa classificação.

A característica mais mencionada é a dança, citada pelos grupos Busted (Wenn, 2003), Fall Out Boy (Hyatt, 2007), Jonas Brothers (Wyatt, 2008) e Maroon 5 (Savage, 2014) como um traço típico das *boy bands* com o qual não se identificam. Outra resposta de destaque é o uso de instrumentos como algo que caracteriza os conjuntos entrevistados, mas não as *boy bands*, segundo Maroon 5 (Savage, 2014) e The Vamps (Kennedy, 2014). No contexto analisado, coreografias e instrumentos são elementos opostos, que raramente coexistem na performance do mesmo grupo. Para Farrugia (2012), funções que envolvem proximidade com a tecnologia - nesse caso, os instrumentos - são historicamente considerados de maior valor do que posições mais afastadas dela, como a de vocalista e dançarino(a). Nesse sentido, um grupo meramente vocal fica em desvantagem em relação a uma banda instrumentista na busca por reconhecimento de suas habilidades artísticas e sua competência musical.

Arelada à temática da performance está a composição das músicas, que os membros do Busted (Wenn, 2003), do Fall Out Boy (Hyatt, 2007) e do The 1975 (Beech, 2015) reforçam ser uma prática dos conjuntos que integram que não é adotada pelas *boy bands*. Assim como o uso de instrumentos, este fator sinaliza uma tentativa de reafirmação da autonomia e da capacidade criativa dos artistas, traços que muitas vezes são ofuscados pelo título de *boy band* - que é visto como inferior pela suposta natureza

⁴ "For people to call us a boy band is offensive. It's degrading."

"manufaturada" e a conformidade a interesses comerciais. Wald descreve como fúteis "[...] análises da cultura musical jovem que forçam uma escolha entre a artificialidade do mercado e a autenticidade do prazer, em vez de insistir na instabilidade de ambos" (2002, tradução nossa)⁵, sinalizando que "[...] mesmo as formações culturais mais patentemente mercantilizadas estão repletas de interesse e valor cultural [...]" (2002, tradução nossa)⁶. Entretanto, o julgamento de valor a partir da oposição entre a criatividade e o viés mercadológico é uma prática recorrente no meio artístico. Segundo Sanders (2002, p. 528, tradução nossa)⁷, "rotulando-os como marionetes e negando-lhes o status de verdadeiros artistas, os oponentes atacam as boy bands por sua gênese fabricada, ausência de genialidade criativa e falta de controle". Ao citar a composição e os instrumentos, os grupos buscam se reafirmar como "criadores", e não só "criaturas".

Outro destaque é o estereótipo do visual "atraente". Nas entrevistas com Fall Out Boy (Hyatt, 2007) e Boyz II Men (Serba, 2012), menções ao padrão de beleza masculina ocidental - incluindo corpo magro, cabelo loiro e aparência jovial - indicam que as *boy bands* têm um apelo estético específico, ao qual ambos os conjuntos entendem que não se adequam. Ainda que esse elemento isolado não tenha teor negativo, ele é muitas vezes interpretado como um recurso para compensar um eventual déficit de talento ou competência musical (Gregory, 2019). Assim, a não conformidade a essa "regra" contribui com a construção de uma percepção de autenticidade.

Apesar de a repetição de determinadas respostas indicar a existência de um padrão no imaginário a respeito das *boy band*, mesmo os grupos que atendem a todos os critérios podem não concordar com o rótulo. A entrevista com os integrantes do Backstreet Boys mostra uma rejeição a essa classificação sob o argumento de que se identificam mais com "os verdadeiros grupos vocais" (Karger, 2011, tradução nossa)⁸, evidenciando que não conferem esse status às *boy bands*. Assim, fica clara a existência de uma diferenciação com base em méritos artísticos que, ainda que não sejam especificados, não podem, na visão do conjunto, ser ignorados.

⁵ "[...] analyses of youth music culture that force a choice between the artificiality of the market and the authenticity of pleasure, rather than insisting on the instability of both."

⁶ "[...] even the most patently commodified cultural formations are replete with cultural [...] interest and value."

⁷ "Labeling them puppets and denying them the status of true artists, opponents attack boy bands for their manufactured genesis, absence of creative genius, and lack of control."

⁸ "[...] the true vocal groups."

Uma última característica relevante, trazida à tona na entrevista com The 1975, é o público consumidor. Ao citar "[...] histeria e uma população de fãs liderada por mulheres e estar cercado em hotéis por essas fãs e fazer shows com ingressos esgotados" (Beech, 2015, tradução nossa)⁹, o vocalista Matty Healy, que reconhece que seu grupo atende a esse critério, reflete a visão de Unterberger e Lynch de que "[...] a qualificação mais importante para uma *boy band* é a forma como eles são recebidos por sua base de fãs em geral" (2018, tradução nossa)¹⁰. Conforme sinalizado pelos autores e por Healy, essa recepção inclui necessariamente uma postura passional e fortemente emotiva tradicionalmente atrelada ao público feminino jovem.

Conclusão

As entrevistas analisadas evidenciam que o imaginário a respeito das *boy bands* está vinculado à percepção de valor na indústria musical, articulada a partir de noções de autenticidade e criatividade - que compõem uma identidade artística considerada legítima - *versus* artificialidade e um maior apelo estético do que musical - atributos vinculados às *boy bands*. Essa dicotomia foi expressa por meio de diferentes argumentos nos depoimentos selecionados, dependendo das características de cada grupo e das referências das quais os músicos desejam se afastar ou se aproximar.

Apesar dos diferentes critérios citados, torna-se evidente que a maioria não se identifica como *boy band*, independente de serem bandas ou grupos vocais, do estilo musical adotado ou das características da performance desempenhada. Essa constatação vai na contra mão do que é alegado pelos próprios músicos, que enxergam critérios mais concretos para a aplicação do rótulo do que se dá na prática. Não obstante, a rejeição a um título que afasta os grupos da percepção de autenticidade pode ser interpretada como uma tentativa de negociação de valor e legitimidade em um cenário que ser "artificial" é um dos maiores empecilhos na busca por reconhecimento e validação.

REFERÊNCIAS

BEECH, I. The 1975: Interview & Shoot. **Spook Magazine**, Melbourne, 16 jan. 2015. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20170628013437/http://www.spookmagazine.com/1975-interview-shoot/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

⁹ "[...] hysteria and a female-led population of fans and being surrounded in hotels by those fans and doing sell-out shows"

¹⁰ "[...] the most important qualification for a boy band is in the way they're received by their general fanbase"

FARRUGIA, R. **Beyond the Dance Floor: Female DJs, Technology and Electronic Dance Music Culture**. 1 ed. Bristol: Intellect Ltd, 2012. 171 p.

GREGORY, G. **Boy Bands and the Performance of Pop Masculinity**. Nova York: Routledge, 2019, 168 p.

HIATT, B. Fall Out Boy: The Fabulous Life and Secret Torment of America's Hottest Band. **Rolling Stone**, Nova York, 8 mar. 2007. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/music/music-news/fall-out-boy-the-fabulous-life-and-secret-torment-of-americas-hottest-band-182660>. Acesso em: 24 mai. 2024.

KARGER, D. Summer Music Preview: NKOTBSB. **Entertainment Weekly**, Nova York, 20 mai. 2011. Disponível em: <https://ew.com/article/2011/05/20/summer-music-preview-nkotbsb/>. Acesso em: 24 mai. 2024.

KENNEDY, J. R. WATCH: The Vamps talk about success and why they're not a boy band. **Global News**, Toronto, 14 ago. 2014. Disponível em: <https://globalnews.ca/news/1508287/watch-the-vamps-talk-about-success-and-why-theyre-not-a-boy-band/>. Acesso em: 24 mai. 2024.

SANDERS, M. A. Singing Machines: Boy Bands and the Struggle for Artistic Legitimacy. **Cardozo Arts & Entertainment Law Journal**, Nova York, v. 20, nº 3, p. 525-587, 2002.

SAVAGE, M. Adam Levine: 'People thought Maroon 5 were a boy band'. **BBC**, Londres, 5 ago. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-28604603>. Acesso em: 24 mai. 2024.

SERBA, J. Boyz II Men singer Shawn Stockman talks boy bands, fame and his group's legacy. **Mlive**, Grand Rapids (EUA), 22 ago. 2012. Disponível em: https://www.mlive.com/entertainment/grand-rapids/2012/08/boyz_ii_men_singer_shawn_stockman.html. Acesso em: 25 mai. 2024.

UNTERBERGER, A.; LYNCH, J. Are They a Boy Band or Not? Two Billboard Staffers Debate The Beatles, Brockhampton, 5 Seconds of Summer & More. **Billboard**, Nova York, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.billboard.com/music/pop/boy-band-or-not-beatles-5-seconds-of-summer-debate-8371548/>. Acesso em: 25 mai. 2024

WALD, G., 2002. "I Want It That Way": Teenybopper Music and the Girling of Boy Bands. **Genders**, v. 35, 2002. Disponível em: <https://www.colorado.edu/gendersarchive1998-2013/2002/03/01/i-want-it-way-teenybopper-music-and-girling-boy-bands>. Acesso em: 24 mai. 2024.

WENN. Busted: We Are Not A Boy Band. **Contactmusic**, Leeds, 7 ago. 2003. Disponível em: <https://www.contactmusic.com/busted/news/busted.-we-are-not-a-boy-band>. Acesso em: 25 mai. 2024.

WYATT, E. Summer Advisory: A Jonas Front Looms. **The New York Times**, Nova York, 17 jun. 2008. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/06/17/arts/television/17jona.html>. Acesso em: 25 mai. 2024.